

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 28 DE FEVEREIRO, 1883.

N. 4.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria provisoria do Centro Litterario, rua da Prainha 172, sobrado.

Recebemos durante o mez, os jornaes seguintes, a cujas redacções, sinceramente agradecemos a remessa:

Da Corte: — *A Revista Illustrada*, o *Mequetrefe*, a *Revista do Retiro Litterario Portuguez*, a *Ideia Nova*, o *Jornal do Agricultor*, e, pela primeira vez, o importante orgão dos estudantes da escola militar — *A Cruzada*.

Da Provincia do Rio de Janeiro: — *Echo da Magdalena*, *Vassourense*, *Monitor Fidense*, *S. João da Barra*, *Itatiaya*, *Rezendense*, *Tymburibá*, *Voto Livre*, *Monitor Campista*, *Fluminense*, o *Arauto* e os primeiros numeros do bem elaborado periodico — *O Artista*, que se começou a publicar em S. João da Barra.

Da Provincia de S. Paulo: — *Rio Branco*, *Tempo*, *Arauto de Lorena*, *Diario da Tarde*, *Gazeta da Franca*, *Pararangaba*, *Nortista*, *Opinião Liberal*, *Tribuna do Norte*, o *Arado* e a *Situação*.

Tambem recebemos o 1º numero do *Parnazo*, que se publica mensalmente em S. Paulo. Traz bellas poesias.

Da Provincia do Espirito Santo: — *O Espirito Santense*, o *Horizonte*, o *Baluarte*, e a *Provincia do Espirito Santo*.

Da Provincia de S. Catharina: — *A Regeneração*.

Da Provincia do Rio Grande do Sul: — *O Labaro*, *Gazeta Mercantil* e *Arauto das Lettras*.

Da Provincia do Ceará: — *O Cearense*.

Da Provincia das Alagoas: — *O Papagaio* e o *Pandego*.

Da Provincia de Minas Geraes: — *O Arauto de Minas*, *Echo do Povo*, *Gazeta de Uberaba*, e *Rio Branco*.

Da Provincia da Bahia: — *O Regenerador*, e o *Preceptor*.

Da Provincia do Pará: — *O Diario de Noticias*.

Da Provincia de Sergipe: — *O Espião*.

Da Provincia do Rio Grande do Norte: — *O Brado Conservador*.

A directoria, de accordo com a commissão de redacção e censura, resolveu publicar a *Revista* no fim de cada mez; por esse motivo, deixou este numero de sair no dia 15, como devia.

Em vista da grande affluencia de trabalhos a commissão pede a todos os Srs. associados que queiram collaborar no 5º numero da *Revista*, o obsequio de mandarem os seus trabalhos até o dia 20 do proximo mez.

Dessa data em diante não será admittido trabalho algum.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro 28 de Fevereiro de 1883.

Por intermedio do Illm. Sr. José Pinto Lisboa, foi-nos enviado, de Portugal, um bello escripto que hoje publicamos, com o titulo: — *Luz e progresso* —

Vem modestamente assignado — *Uma senhora portugueza*; mas nós sabemos, e não ha razão alguma para occultar-se, que esse primor é devido á penna da Exma. Sra. D. Henriqueta Elisa da Fonseca — distinctissima escriptora portugueza e socia correspondente do Centro Litterario.

E' mais uma voz ingente e poderosa, que vem-nos incitar a pro-

gredir, e cujas vibrações repercutem-se em nossos peitos juvenis, com a cadencia brilhante do harmonioso canto do rouxinol.

Agradecendo á illustrada senhora a distincção honrosa que nos fez, collaborando no nosso modesto orgão, enviamos-lhe d'aqui um caloroso bravo, que S. Ex. deverá aceitar, como exprimindo as nossas felicitações, pelo seu notavel trabalho litterario.

Terminando, ousamos esperar que a distincta escriptora continue a honrar nos com a sua collaboração.

LUZ E PROGRESSO



No seculo dezenove, o trabalho e o estudo formam a base de toda a nobiliarchia social: são os pergaminhos do homem, os braços que elle doura com as fadigas de seu corpo, os esforços e vigílias de seu intellecto.

Em éras remotas, quando as trevas da ignorancia submergiam em seu espesso sendal, não direi toda, mas pelo menos uma grande parte da humanidade, o trabalho era desdouro; herança unica e exclusiva das raças menos favorecidas da fortuna, escravizadas pelo poderio e valimento dos grandes.

Estes, medravam na ociosidade, disputando entre si primasias de ineptia, pujança physica e nullidade intellectual. Quanto mais ignorante fôsse um individuo, tanto mais nobre era a sua estirpe, intoleravel o seu orgulho, pesado e esmagador o seu desprezo pelas classes plebeas, que elle considerava como rebanho de animaes, destinados tão sómente ao cultivo de suas immensas herdades, sob o estímulo do seu chicote, e quiçá da acção de seu cutello. Nos mais fidalgos solares, ignoravam-se os principios rudimentaes de litteratura; o mesmo A B C era desconhecido; e, se a cada canto se deparava com um escudo d'armas, ou uma floresta de cacêtes, em parte alguma se encontrava um livro, ou uma penna!

Professores, havia-os para todos os exercicios tendentes a desenvolverem os musculos do homem, dando-lhes agilidade e força; para todas as sciencias, capazes de incitar-lhe o arrojo sanguinario e guerreiro. O fidalgo d'aquelles tempos, devia ser um athleta, seguir a carreira das armas e distinguir-se por acções de valentia militar, ou percorrer dia e noite os montados

de seus dominios, dando caça aos animaes e castigando os servos atrevidos ou indolentes.

Eis aqui pouco mais ou menos, os principaes traços da nobreza de então: o povo, esse era o que não podia deixar de ser — um povo de escravos; massa inerte e imbecil, acorrentada pelo trabalho cujo valor não sabe precisar, porque lh'o não compensam; subordinado pelo prestigio de uma superioridade que elle não discute, porque lh'a não ensinam a conhecer.

Quanto á classe média, não passava de uma parcella indefinida, n'este cahos social; sempre em luta com os preconceitos da nobreza, a inveja e animosidade das classes plebeas. N'esses tempos de ignominiosa memoria, um sabio, era mentecapto; um poeta, um louco; um innovador inspirado pelo fogo de uma ideia nova, ou de uma concepção sublime, era um feiticeiro ousado, que pretendia annullar a soberania do Architecto Supremo, devassando-lhe o segredo das combinações e igualando-se a Elle.

Mercê de Deus, vai já longe essa era de um despotismo estúpido, que ninguem em nossos dias ousará, creio eu, registrar com saudade.

Hoje, o trabalho é realeza, o estudo honra, o talento — gloria! Desde o momento em que o homem cahindo em si, vio o que era e o que podia ser, comprehendeu a sua degradação e renegou-a. Elle, o ente perfeito, formado á semelhança de Deus, com faculdades para conceber e reflectir, aptidões para trabalhar e civilisar-se, não ser mais que um ser impensante, um animal inconsciente?! Palpou-se e achou em seu braço a força viril que edifica e destróe, dirigida pela razão, impulsionada pela vontade; sondou-se e percebeu no seu *eu* interior, uma parcella divina, um atomo de essencia creadora, uma, como centelha inspirativa, d'essa grande luz que desce do Creador a reflectir-se na creatura. Então, envergonhado da sua nullidade, comprehendendo que podia ser muito até, encarou com desgosto esse passado esteril e ocioso que nada fructificara em prol de seu porvir, rasgou a venda fatal da ignorancia e procurou o facho que devia irradiar calor e claridade para todas as classes sociaes! Fez-se alfim a luz no cahos; a larva tornou-se borboleta, o homem tornou-se uma individualidade conscienciosa, pensadora e independente.

O povo é livre porque se instrue, e o nobre é grande porque não desdenha associar-se ao plebeu, no seu labor quotidiano, ou na concepção dos mais arrojados empreendimentos!

Eis a redempção pelo trabalho, a civilização pelo nivelamento das classes, pelo amplexo do estudo, pela associação de muitos individuos n'um unico esforço, sob uma só idéa, o progresso!

E' este, se me não engano, o lemma da sociedade — *Centro Litterario* — no Rio de Janeiro; taes pelo menos me parecem as ideias que abrange o programma que acabo de ler na sua primeira *Revista*.

E sendo assim, tão nobres e elevados principios, pensados, sentidos e postos em acção pelos nossos irmãos d'além mar, não podem deixar de acordar um

écho no sólo portuguez, onde elles de ha muito já fructificam beneficos resultados, que serão tanto mais vantajosos, quanto mais formos avançando n'esta cruzada sublime da liberdade e da ideia!

Essa pleiade de moços esperançosos e emprehendedores, alistando-se sob o estandarte glorioso do estudo e do trabalho, a cuja sombra, todos os apostolos do progresso se acolhem e reúnem, promete ser util á patria, e póde ir longe, póde elevar-se muito, tendo na sua vanguarda, como não ousamos duvidar, bons mestres e sábios conselheiros.

Avante, pois, mancebos arrojados!

Ao vosso grito patriótico e humanitario de liberdade e luz para todas as classes, grito, que é a redempção e póde ser a gloria de um povo, respondemos d'aqui com um salve dedicado e fraternal!

Associemo-nos que a collectividade faz a força.

Portugal e Brazil são duas nações irmãs; embora divididas pelo oceano, enlaçam-se pelos mesmos principios, estreitam-se pelo mesmo ideal; a distancia material não vale nada, quando a homogeneidade moral as aproxima.

Trabalhemos pois, trabalhemos juntos, com o socorro mutuo de nossas intelligencias, com o esforço heroico de nosso poder e vontade para o fim sublime, esse fim unico, invejavel de cada nação e de todos os individuos — a civilização pelo estudo, o progresso pelas conquistas do trabalho!

Convicta d'estas ideias é que eu envio ao *Centro Litterario*, do Rio de Janeiro, a cooperação do meu limitadissimo auxilio.

(Portugal.)

UMA SENHORA PORTUGUEZA.

SONETO

No cerebro criança, senti, oh! sim, um dia,
avolumar-se um corpo d'extranha proporção!
Passou-me pelos olhos á luz da inspiração
explendido cortejo da loira fantasia!

Ao despontar suave d'airosa aspiração
que na alma juvenil de longe me fugia,
Julguei-me transportado, nas azas da poesia,
á immensidão do bello, ao mundo da razão!

N'aquelle doce enlevo que as mentes arrebatava,
e que á natureza nas almas se retrata
plena de luz e de esplendida grandeza;

Brotaram-me dos labios, frementes de magia,
em candidas estrophes de cèlica harmonia,
um hymno á minha mãe, um canto á natureza!

DUARTE PORTO JUNIOR,

A MULHER

A sociedade em geral, injusta e egoista como é, apropriou-se dos direitos concedidos pelo Ente Supremo ao genero humano, excluindo a mulher de partilhar com o homem os trabalhos intellectuaes e physicos, reservando para este unicamente, o mundo, as posições,

os cargos, os postos, etc.; roubando-lhes assim a parte de gloria que lhes poderia caber.

Entretanto, parece que Deus, formando a mulher de uma das costellas do homem, demonstra que ella é da mesma especie e da mesma natureza que elle e por isso apta como elle a receber a mesma educação, partilhar as mesmas idéas e aprofundar como elle as sciencias, as artes, as guerras; sentir, pensar com discernimento sobre qualquer materia, discutir os grandes problemas que ha a resolver, decidir com rectidão e segurança sobre qualquer questão e empunhar as armas para, no momento de manchada a bandeira patria, ter mais forças que a defendessem com amor e maior gloria.

Ora, se a mulher, dotada de intelligencia, muitas vezes superior á do homem, pôde, como elle, conceber uma idéa, pensar e decidir de qualquer questão, qual a razão porque a sociedade lhe retira esse direito?!

Entre nós a mulher tem sido até hoje victima de preconceitos e tyrannias.

Ella é encarada pelo homem unicamente como objecto necessario a seus prazeres, ao uso domestico, (mesmo para o uso domestico querem dizer que não estão aptas,) como alvo de seus caprichos e zombarias, dando-lhe apenas o que ellas não podem recusar a propagação da especie humana.

Bem ardua missão, em realidade, porém toda material e da qual nenhuma gloria se origina, a não ser a dos trabalhos e soffrimentos.

Entretanto os exemplos nos hão demonstrado, na historia antiga, na média e na moderna, que a mulher pôde aspirar a muito mais e que não permittir-lh'o é rebaixar a a uma condição inferior aquella a que Deus a havia destinado.

Vemos nos primeiros seculos a profetisa Debora, consultada pelo povo Israelita, como juiza ou oraculo que o guiava.

Depois vemos Judith, a valorosa, salvando o mesmo povo da aggressão de Holophernes, em Bethulia; Zenobia, rainha de Palmira, celebre por sua coragem e intelligencia; Brunehaut, princeza illustrada e amiga da civilização, que fundou conventos, abriu estradas, protegeu as artes e procurava destruir os idolos merecendo um grande elogio do papa Gregorio.

Dido, fundando Carthago, Isabel de Inglaterra, Margarida de Valloias, Joanna d'Arc e muitas outras.

Como litteratas temos Mme. Stael, Mme. Cotin, em França; D. Anna Botelho, D. Bernarda de Lacerda, D. Guiomar Torrezão e Maria Amalia; Catharina II, na Russia e outras mulheres notaveis.

Nos Estados-Unidos já vão apparecendo algumas; aqui mesmo entre nós temos D. Maria Ribeiro, autora dos *Cancros Sociaes* e Narciza Amalia grande na poesia, autora das *Nebulosas*.

Já vemos, portanto, que a mulher deve ser pela sociedade olhada com mais consideração e por ella animada a trabalhar na litteratura, nas artes, para apparecendo com seus escriptos, com seus trabalhos, tornar-se o ornato das nações, enriquecendo as paginas da historia futura.

11 de Fevereiro de 1883.

JOÃO FONTES.

SONETO

A UM PURGANTE EM PROSA
(Sem allusão)

BOQUIABERTO ficou certo auditorio
Ouvindo o tal *cacete* discorrer,
E enorme *caceteação* desenvolver
Por meio d'um extenso palanfrorio.

Hoje em dia, é publico e notorio
E sabemos que já ninguém quer vêr
Qualquer d'esses Ciceros a lêr
Discursos de systema «vomitorio».

Um orador qualquer palmas conquista
Com a lingua e mesmo com a vista
Ainda que não saiba discutir.

Tribunos assim são os tunantes,
Que ao acabar os taes purgantes
Encontram os ouvintes a dormir.

CARLOS FONTELLA.

Rio, 16 de Janeiro de 83.

A VIDA

Nascer,
esp'rar,
crescer,
amar;

lutar,
temer,
cançar,
gerner:

descrever
soffrer
cahir;

viver,
morrer,
sumir!

NÊMO.

Rio, 5 de Fevereiro de 1883.

A' CARLOS FONTELLA



ois discutamos, se isto vos pôde ser agravavel.

Não haverá vencedor nem vencido, estou certo, porque no fim da pugna apertaremos cordialmente as mãos de amigos, mintto, haverá uma victoria, e esta é minha; ganhal-a-á o meu espirito que se terá esclarecido pela luz do vosso; haverá tambem uma gloria que me pertencerá ainda, — a de ter me batido convosco.

Isto posto, entremos em materia.

A mulher brasileira, educada como é hoje, pôde levantar o espirito nacional, fazendo da nossa patria uma verdadeira familia?

Não; disse-vos eu já da tribuna do Centro Litterario. Não, repito-vos hoje.

Porém, esta negativa formal é um insulto ás nossas patricias mães de familia, que alias, em affecto, capricho

e boa vontade, não podem temer, e direi, nem mesmo tolerar o confronto com nenhuma outra. Entretanto esta é a verdade: — não se póde responder affirmativamente á interrogação daquella these. Vou porém explicar a minha negativa, e nutro a esperanza de que, se o amor proprio das mães de familia brasileiras não lhes permite confessar que tenho razão, em consciencia hão de concordar commigo, e ficaremos bons camaradas.

* * *

Em geral confunde-se a educação com a instrução. Este erro de que também fôstes victima é a causa de todo o mal, que permanecerá, enquanto não vos convencer-mos todos, de que uma dispensa outra — é-lhe complemento.

Mas quereis ver como nos achamos atrasados n'este ponto? Vão dizel-os as vossas proprias palavras: « Prepararam as mulheres no estudo de grammatica, arithmetica, musica, desenho, etc. E em que servem estes estudos, com os quaes ella se illustra e não se educa?... »

Dizei-me, a um espirito esclarecido como o vosso é permittido formular esta interrogativa? Como! nós que vimos discutir uma these confundimos tão ingenuamente as cousas? Vêde bem.

Não devemos censurar sómente, mas indicar também os meios que nos parecem dever conduzir ao fim desejado; ou então perdemos o direito de ser ouvidos; seremos considerados pessimistas, gritadores imprudentes que querem demolir sem saber construir!

Mais adiante dizeis: « Com esses estudos ellas não poderão educar filhos; esses estudos dão-se nas escolas e lycêus, onde os filhos irão buscá-los quando tiverem idade conveniente. A mulher precisa educá-los em casa, e para isso é preciso que ella tenha essa educação para transmitir-lhes.

.....

« A educação para as mulheres ensinarem aos filhos os primeiros passos, isto é, sua criação, todas devem possuir. »

Não vos comprehendo. Exigis que a mulher tenha a educação, e negaes o direito de aperfeiçoar o seu espirito para bem comprehender essa educação.

Quereis que os filhos busquem as escolas e lyceus, quando não têm quem lhes faça comprehender a utilidade d'isso, pois que fechaes ás maes as portas das escolas! Retrogradaes, ou confundis as vossas idéas.

Estes periodos transcriptos condemnam-vos desapiadadamente. Contradizeis-vos a cada passo.

Não, o que é preciso é que eduque-se e instrua-se a mulher para que ella eduque e instrua os filhos; tenha o espirito bastante esclarecido para comprehender o quanto lhes deve.

Infelizmente é o que não vemos. Com a educação viciada que se transmite de geração em geração; com a instrução insufficiente que recebem as mulheres brasileiras, ellas, só tem um objectivo:—encontrar um marido que lhes proporcione meios de satisfazer os pequenos caprichos. Tudo o que fazem, tudo o que pensam tem este objectivo—um marido.

E' que ellas, desde que attingem a puberdade, vem a ser esta a preocupação dos paes,—casal-as.

Não raro ouvireis dizer um pae:— « Já estou velho, caminho para a morte, e não quero deixar minha filha desamparada. E' preciso casá-la. »

Não seria melhor que a tivesse preparado para subsistir só por si, dando-lhe liberdade de esperar o esposo que lhe conviesse, mesmo quando tivesse perdido os paes?

E' esta a independencia que desejo para a mulher. Que ella se sujeite por gosto e não por necessidade.

Falta-me espaço para desenvolver como desejava este assumpto. Voltarei a elle. Entretanto, como vêdes, estamos de accordo em um ponto—a resposta a interrogação da these; sómente são diversas ás razões porque ambos negamos.

A mulher póde ser esposa d'um artesão ou nobre;—não importa a sua illustração, ou antes importa muito;

porque a mulher illustrada saberá comprehender que—esposa d'um nobre ou d'um artista, o seu valor é o mesmo, desde que seu marido é homem de bem e ella saiba honrar o seu nome e respeitá-lo.

R. MATOLLA.

SCENAS CAMPESTRES

No bello prado florido
O pastor adormecido.
Perto ao rebanho está,
A companheira fiando.
Alegre fica velando
O somno de seu «pachá».

Eis que vem um temporal,
A chuva torrencial
Parece cruel açoite...
Elles fogem espavoridos
E n'uma gruta escondidos
Contentes passam a noite.

JOÃO J. PINHO E SILVA.

AS CARTAS

Não pense o meu humanitario leitor que eu venho aqui desenrolar á seus olhos o immenso mappa de todas as cartas que é de estylo escrever-se ahi por esse mundo de Deus.

Nada! Não sou homem para essas cousas.

Pretendo apenas fallar de algumas que merecem mais particular attenção.

A invenção das cartas data de tempos immemoriaes.

Ignoro quem seja o seu inventor e apenas posso affirmar, com a mão sobre brazas, que elle nasceu muito tempo depois de Adão e Eva.

O uso que d'ellas se faz, e o gráo de perfeição á que attingiram, provam muito claramente que por cima d'ellas passaram muitos seculos.

Estou plenamente convencido de que ninguem tentou descobrir a sua historia, e eu, como o menos competente para isso, não o farei também.

Dito isto, entremos na materia.

D'entre as muitas cartas que o leitor conhece perfeitamente, destacam-se algumas como mais dignas de attenção.

São essas as que são dirigidas ás familias dos signatarios, as dos amigos que pedem alguma cousa emprestada e as de amores.

E' dessas tres classes que eu pretendo fallar.

Poderia também espraçar-me sobre as commerciaes, mas receio tornar-me enfadonho, porque só ellas dariam para encher muitas tiras.

Temos em primeiro lugar as cartas á familia.

São sérias, respiram saudades por todos os pontos e virgulas (quando os tem) e tem o seu estylo convencional.

Quando é uma isolada começa invariavelmente por estes termos:

« Meu querido isto ou aquillo.

« Em primeiro lugar desejo que esta o vá encontrar gosando perfeita saúde em companhia de toda a familia. »

Depois o signatario declara que passa como Deus é servido e trata de outros assumptos.

Se porém, é em resposta, muda o caso de figura e as chapas de lugar. Exemplo :

« Meu, etc., etc.

« Recebi a sua prezada carta de tantos de tal, e bastante estimei saber que todos gozam perfeita saude.

« A minha, ao fazer d'esta, é boa graças á Deus. »

Ha excepções, e estas apparecem quando a carta communica haver alguém doente.

Mesmo assim, conheço um sujeito, que, estando de cama, recebeu a noticia do passamento de seu pae, e respondeu distrahidamente á um irmão que lhe dava a dita noticia :

« Recebi a tua ultima carta e estimei bastante saber que gozas perfeita saude em companhia de toda a nossa familia.

« A minha, ao fazer desta, é boa, graças a Deus. »

Depois chorava a morte do pae e dizia que estava desenganado pelos medicos.

As cartas de familia são, geralmente, escriptas em papel pequeno e quasi nunca vão além de lauda e meia.

Tambem as dos amigos que pedem alguma coisa são escriptas em papel pequeno, mas essas têm margens quasi sempre e são feitas a capricho, para que o destinatario possa ver claramente o que é que se lhe pede.

Nellas se encontra frequentemente estas phrases :

Desculpe o incommodo, é favor, sei que vou me tornar importuno, etc., etc.

Ha alguns filantes que, para pedirem dinheiro emprestado começam por emprestar á victima os mais re-tumbantes adjectivos, e depois cahem-lhe em cima com ares de quem quer apenas uma restituição.

Esses, por mal dos seus peccados, quasi nunca são attendidos.

Outros têm vergonha de pedir e não perdem occasião de o dizer na mesma carta em que pedem.

De um destes, contam o seguinte e engraçado episodio :

O sujeito quiz pedir á um amigo e escreveu-lhe uma carta.

Antes, porém, de a fechar reflectio que aquillo não era muito bonito, e, como não queria passar por filante, imaginou o meio de se desculpar na propria carta, e escreveu, em *Post Scriptum* :

« Foi tal a vergonha que tive de pedir-te dinheiro, que corri duas vezes atraz do portador desta, mas de balde, porque não o encontrei mais »

Passemos agora ás cartas de namorados.

Qual dos leitores não vio, ou não escreveu ainda uma cartinha de amores ?

Ahi é que a critica teria muito campo, se os criticos não tivessem mais que fazer.

Quando a carta é a primeira ou uma das primeiras, tem-se o cuidado de a dobrar em fórma de borboleta e de perfumal-a, pondo-lhe dentro uma florinha qual-quer, desfolhada.

Todas ellas começam :

« Meu anjo. »

E acabam :

« Desculpe a má lettra, pois foi escripta ás pressas. »

Ou então :

« Desculpe os erros, pois, etc., etc. »

Alguns querem se affastar das chapas e eil-os a dizer :

« Desculpe os erros. Bem sabes que o meu pensamento está em ti, e que, por conseguinte, não póde estar na grammatica. »

Já vi uma carta que dizia no fim, muito laconicamente :

« N. B. — Desculpe os hérros. »

Estou, como o leitor, bem certo de que não foi para isso que alguém deu-se ao trabalho de inventar as cartas, mas, como o povo é soberano. . . .

ABEL PORTO.

ADELINA

Tu és a branca rosa
Onde o sol nunca deu.
E's a linda mariposa,
que voa da terra ao céu.

Tens da violeta o odor,
E do pyrilampo a luz,
Tu és o anjo d'amor,
Quo a alma ao céu conduz.

E sendo assim formosa,
Mais bella do que a rosa,
Mais alva que os jasmins.

Tão plena de perfumes,
Teus olhos são dois lumes
Teus labios são dois rubins.

ALVARO BAPTISTA.

A AMBIÇÃO

(Historia de hoje)



COSME Antunes era um rapaz robusto e forte; tão forte e tão robusto como ambicioso. Não era, porém, um ambicioso vulgar, como o gerat dos ambiciosos a quem todos os meios, ainda mesmo os menos confessaveis, servem para chegar a seus fins. Não ! Cosme tinha a ambição honesta, rigidamente honesta, santamente honesta, até.

Em uma aldeia do Minho, á sombra de uns castanheiros seculares, á porta de uma tosca cabana, elle tinha deixado a sua velha mãe que na extrema despedida e entre o ultimo beijo e a ultima bênção, lhe disse lacrimosa : — Vae, meu filho ! Nunca te esqueças de mim, e volta breve, que eu não poderei morrer sem tornar a vêr-te !...

E a par da santa mãe desolada, choravam tambem uns olhos negros e grandes da Joaquina, da *Quintella*, que lhe dizia a soluçar : — Cosme, volta depressa ! Eu espero por ti, e te farei feliz.

E, Cosme veio ; chegou e vio, e... quasi venceu como Cezar. Parecia vender saude, como geralmente se diz ao ver-se um rapaz forte e corado, mas não vendia, porque, embora lh'a invejassem e muito, ninguém lh'a comprava.

Tambem elle empregou-a toda, logo, no afan do trabalho incessante e insano. Era ferreiro, e embora imperfeito como todos os industriaes de aldêa, elle atirou-se á bigorna e ao malho. O seu braço era tão vigoroso, que o malho que brandia, esmagava o ferro em lugar de affeioar. Era porque no retinir do ferro, parecia-lhe ouvir as ultimas palavras de sua mãe desolada : era porque, no chispar do aço incandescido, elle via o lume dos olhos da Joaquina.

Eis porque trabalhava sempre. Emquanto os seus

companheiros de trabalho descansavam, elle malhava, batia, e esmagava sempre. Eis porque a sua ambição era honesta; trabalhar, ganhar, juntar. Nada mais honesto e natural.

§

Correu um anno. Cosme era ainda robusto, mas já não era tão corado. O excesso do trabalhar, ia-lhe roubando a saude.

Tambem agora a sua ambição, honesta sempre, tinha tomado outro aspecto; mas sordido e fatal.

Cada vez mais ambicioso, tornára-se miseravel para si proprio. Não comia para não gastar.

Trabalhar sempre e não gastar nunca, era o novo aspecto de sua ambição já desordenada.

E o seu thesouro crescia: o seu peculio arredondava-se diariamente.

De official, tornara-se mestre. Tinha officina de cammas de ferro ali á rua das Violas: o numero perdeu-se na applicação das placas; foi um numero *implacavel*.

Mas era ali. Muitos o conheceram e ainda se lembram de o vêr a malhar de dia e de noite, sempre! Nunca cantava, nem ria, como os outros, mas chorava ás vezes. Eram saudades de sua mãe e da sua Joaquina. Então, cada vez que chorava, trabalhava mais. Enquanto os officiaes iam ás horas do almoço ou do jantar, ao *frége* comer a sua *feijoada* ou a sua sôpa de legumes e o seu peixe frito, o Cosme ia á padaria praóxim, a correr, procurar o pão duro da vespera: era mais barato. Quanto mais duro melhor, melhor. Se tivesse já dous ou tres dias, e o padeiro desse tres pães por um vintem, melhor, magnifico!

Punha o pão de molho no café, uma grande caneca de um liquido negro, indescriptivel — a que chamavam café.

Eis o almoço e o jantar de Cosme. Invariavel: café e pão, pão e café. Unicamente aos domingos, dava-se á extravagancia de addiccionar ao seu já descripto jantar, algumas bananas; mas bem maduras, quasi pretas: são mais saudaveis e sobretudo... mais baratas.

§

Ao fim de quatro annos, o negocio tinha corrido bem e o peculio de Cosme já era uma fortunasinha muito regular. Já podia largar a bigorna e o malho e ir descansar á sombra dos castanheiros sob as benções da mãe e nos braços da Joaquina.

E as cartas vinham por todos os paquetes. Vem! Vem! diziam ellas, cada vez mais saudosas.

Mas o diabo da ambição dominava Cosme. Era já rico, mas queria mais. Depois sonhava, e sempre a malhar forjava castellos esplendidos, phantasticos!

Compraria campos, quintas, e vinhedos. Seria um grande lavrador, o maior da sua aldêa, e teria muitos creados:

Seria regedor, e talvez vereador da camara, e commendador. Teria casa no Porto, e faria um figurão ao lado da Joaquina, rica e invejada. Uns deslumbramentos, rubros como o ferro que malhava, faiscantes como o aço que limava.

Mas agora já não vendia saude; compraria até, se alguém lh'a vendesse... barato. Já não era moço, nem forte, nem robusto. O trabalho incessante o tinha gasto, e o *café e pão* tinha-lhe trazido ao estomago a gastralgia, a despepsia, e tudo quanta a economia póde fazer terminar em — ia, — em um estomago enfraquecido e atrophiado. Então teve medo! Do alto vertiginoso dos seus castellos phantasticos, Cosme deitou um olhar para o futuro, e teve medo.

Viu-se pela primeira vez a um espelho, e reuou horrorizado. — Não se reconheceu. Estava pallido, velho, acabado.

Soffria colicas e dores horriveis no estomago.

Chamou um, dous medicos; dos melhores, mais afamados. Recommendaram-lhe que se alimentasse delicada e confortativamente. Bifes sangrentos e uns calices de porto velho, ou de madeira.

Tentou, a muito custo, experimentar, e o estomago revoltou-se. Sobreveio-lhe uma indegestão que quasi o matou. Parecia que taes revoltas eram umas vinganças tão longamente premeditadas, como longas tinham sido as abstinenciaas forçadas.

E, cada vez a peor, o Cosme já não podia trabalhar; a custo se arrastava. Tinha vertigens e syncopes, e colicas terriveis. E os medicos, aconselhavam a principio e ordenavam depois, o immediato regresso á patria, e o uso das Caldas de Vizella e da Rainha e banhos de mar, etc. N'este ponto, chegaram cartas da velha e da Joaquina.

Aquella, cada vez mais velha e doente, receiava fechar os olhos para o somno eterno, sem vêr o seu Cosme querido e tão ardentemente esperado. Esta, cada vez mais saudosa, receiava o esquecimento do seu escolhido.

Cosme, resolveu-se enfim! Partiria.

Vendeu a fabrica e realisou seus haveres. Saccou sobre a agencia de sua villa e sobre o banco filial do Porto.

Metteu as letras na carteira, e alguma roupa, a pouca que tinha, na mala, e tomou passagem no — Mala real — para Lisboa.

No dia da partida despedio-se dos seus antigos officiaes, companheiros e de muito poucos amigos que tinha, e partio para bordo.

Subia, já, a custo, a escada do paquete, quando a colica o atacou, e cahio em convulsões horriveis.

Ampararam-no, quizeram soccorrel-o, foi inutil, estava morto!

A ambição tinha-o matado!

5 — 2 — 83.

DUARTE PORTO.

NAUFRAGIO DO „FELIZ DESTINO,“

Não viria juntar-me aos mais distinctos consocios, se não fosse o entusiasmo que me canson o todo da *terceira Revista do Centro Litterario*; e é por isso que me animo a primeira vez a escrever, para assim ter jus á parte que me possa caber na grande tarefa que nos está confiada; reconhecendo porém, a minha pouca cadencia para as letras, a todos peço benevolencia.

Passava o dia 14 de Abril de 1877, e levava já quatorze dias de viagem o brigue *Feliz Destino*, procedente do Porto para o Rio Grande do Sul.

Navegava em mar de rosas; dir-se-hia que nem balouçava, tão pequeninas eram as ondas, ia com todo o panno pois que tendo vento a feição, não lhe custava muito alcançar oito a dez milhas por hora.

A tripolação tinha ido ás duas horas da tarde para o tombadilho, coser velas, e parecia lêr-se em todos os semblantes verdadeira satisfação e alegria, pois que não tinham tido um dia de calmaria nem de mau tempo. O capitão, que era quem estava de quarto, passeiava a barlavento aonde não havia ninguem que o incommodasse, porque os marinheiros estavam a sotavento; sómente de vez em quando chegava á amurada espraçando a vista pelo horisonte, para vêr se haveria algum indício de tempestade, ou então chegava até a bitacula vêr o rumo que o navio levava.

Seriam sete horas da noite e já tinham ceiado, reconheceu o capitão que para o sul formavam-se umas

nuvens negras, ferravam-se os horisontes, o que tudo dava indícios de haver mudança de tempo.

Por prevenção o capitão mandou ferrar a vela grande, traquete, joanete e sobre, deixando ficar o resto do panno para a marcha regular do navio. A's oito horas veio rendel-o o primeiro piloto, conservando o navio da mesma maneira como o capitão o tinha deixado, quando, meia hora após, estando a noite muito escura, principiou a cahir uns chuviscos e o vento soprava com violencia; o piloto mandou ferrar o panno todo e cassar. A marinagem apressa-se em executar aquella ordem e um moço de prôa que estava a cassar a giba estando descuidado e mal agarrado ao cabo da mesma vela, e tambem por ter o navio dado um balanço em falso, cahio ao mar.

Um tufão violento annunciou o começo da tempestade e faz com que o piloto mande ir dous marinheiros ao leme; d'ahi por dous minutos uma segunda rajada de vento mais forte do que a primeira, adorna a um lado e, como fosse muito subito, fez com que um marinheiro que estava em cima do castello cahisse ao mar, não dando ninguem pela sua falta, os marinheiros agruparam-se ao pé do mastro grande, faziam preces e promessas a Nossa Senhora da Boa-Viagem, uns promettendo o importe da vela grande, outros andariam com a vela de estaes pelas ruas do Rio Grande esmolando e o producto seria para a Senhora

Era confusão completa e terrivel. O piloto, por seu turno olhava para o horisonte como que invocando a Deus para que o inspirasse.

A terceira rajada, mais violenta do que as duas primeiras, por felicidade não fez perder nenhuma vida, mas fez com que o navio desse um balanço tamanho, que abriu agua, e tendo reconhecido o piloto não o poder salvar, mas ainda assim mandou seis marinheiros acudir ás bombas e chamar o capitão.

Este tomou o commando do navio e o piloto de machado em punho principiou a cortar os mastros, pois que parte dos mastaréos já se tinham desligado das pegas; como o navio mettesse muita agua por ser o rombo muito grande o capitão mandou largar as bombas e que a gente fosse arriando os escaletes e a lancha que estava no meio do convez do navio, e foi ao seu camarote, tirou umas duzentas libras met-teu-as em um cinto de couro e os papeis concernentes ao navio, mandou que a gente saltasse para os escaletes e lancha, unico refugio n'aquellas paragens, sendo o ultimo a saltar para o escaler. Chegaram a ilha da Madeira depois de 10 dias de penosa fadiga e incessante trabalho.

E' sempre pallida e fria a descripção de um naufragio na grandiosa confusão dos elementos desencadeados e convulsos.

Todos os horrores que podem abalar a natureza humana passam á vista do naufrago. Como o homem soberbo e altivo, reconhece a pequenez do seu nada perante a grandiosa magestade do oceano irritado pelos acoutes da tormenta violenta. Ali n'aquelle pelago de horrores, o philosopho perde a calma e chora e reza.

Ali o atheu ergue ao ceu olhares piedosos supplicantes e invoca fervoroso o Deus que negára e escarnecera, ao passo que o crente espera e tem fé.

Rio, Fevereiro 1883

J. LOPES MARTINS.

CAHIR DAS NUVENS

No leito de dores, prostrado
Estive, quasi um mez;
E pensando, desanimado,
Dizia: — vou d'esta vez!

Mas o Deus Omnipotente
Fez milagre consummado:
N'um dia — muito doente —
No outro dia — curado! —

O medico que me tratou,
Ao saber da novidade,
Muito contente exclamou:
— Sou grande capacidade!

— Mas porque, senhor doutor,
Faz favor de me dizer?
— Porque!... Saiba o senhor:
« Esteve quasi a morrer;

« A vida deve aos remedios
« Que por serem apropriados,
« Debellaram o seu mal,
« (Por mal dos meus peccados) »

— Não creio, doutor, não creio...
« Vê esse armario? — Já vi.
« Pois bem: os seus remedios
« Estão intactos, alli!!

J. REIS.

PERJURIO

A' ingrata
inconstante
qu'o amante
maltrata,
retrata
a serpente
mordente
que mata;
e illeso
desprezo
profundo,
carece,
merece,
no mundo!

NEMO.

Fevereiro 5—83.

A'S MULHERES

ALTO frente!!... escandalo, devassidão!
P'ra onde marchas sem regimem sem governo?!
Basta. Já estaes longe do termo,
Do erro perto e da torpe perversão.
Já em vaidosa e desvairada agitação
Vos conduzis ao vil engano (O' Eterno!)
O' illusões insanas que em moderno
Tempo o mundo botaes á perdição!
O' talentos caridosos e sensatos
Ponde freio á astucia feminina,
Não sejaes tão modestos e pacatos.
Do contrario é horrivel nossa sina,
Occultar-se-hão as vergonhas pelos mattos
E nas cidades a perversão canina.

ELEUTHERIO D'AGUIAR.

Impossível !

(Facto real e hodierno)

Era um dia um velho tonto,
que ao pezo dos oitenta annos,
já tinha o corpo curvado
para o chão da eternidade;
mas, da mente enfraquecida,
não tinha ainda apagado
os gozos e os desenganos
da tréfega mocidade !

E, vio creança gentil
que lhe inflamma o pensamento:
que realisa um ideal
que o velho tinha sonhado !

E... foi á face do altar
proferir o juramento
de um matrimonio *immoral*,
desigual, disparatado !

Ella, era a estação das rosas;
aurora de luz e flores,
nivea cecem de candura,
aljofar do arrebol !

Elle, era o gélido inverno :
corpo crivado de dôres,
que busca na sepultura,
um repouso, ao pôr do sol !

Embora ! Houve sacerdote
que em nome do Evangelho,
da eterna lei da igualdade,
perpetrou o attentado,
de unir por juras inuteis,
o *crepusculo* do velho,
á *aurora* da mocidade:
o porvir e o passado !

Uma tarde, o vendaval
derribou o tronco adusto ;
e ao velho acabrunhado,
reduzio á terra, ao pó !

E a inconsciente creança
vio-se, sem pezar, sem susto,
espoza, sem ter casado,
virgem, viuva e avó !

Avó ! sim ; que o octogenario
tinha próle numerosa,
que fugira indignada,
ante a loucura fatal
d'aquelle ancião caduco
cuja mente — duvidosa
trazia todo occupado
n'aquelle enlace *immoral*.

Na descendencia do velho
havia um mancebo airoso,
enamorado e gentil:
alma aberta ás illusões,
que ás tardes pedia ás brisas
terno queixume saudoso,
e ás puras manhãs de abril
confiava inspirações !

E vio a infantil *avó*,
rosa de ethereo perfume,

— aurora de luz e flores —
envolta no crepe e dó !
da viuvez no negrume,
qual gota crystalisada,
em doce manhã de amores !

Ella, o arrebol que resplende,
elle, a aurora que nascia,
tinham magos devaneios
de ignotas esperanças :
e os effluvios das brizas,
plenos de amor e poesia,
davam suaves enleios
áquellas gentis creanças.

Amaram ! creanças loucas,
sem calculo, sem reflexão :
e julgaram-se felizes
n'aquella doce união !

Mas... em nome do Evangelho
da moral, e... da razão,
erguem-se *austéros* juizes
e bradam, terriveis : — não !

— Tu, és avó, elle é neto,
e vosso amor monstruoso ;
vossa união *immoral*,
perante a religião !

— Esse amor é vã loucura
de desejo incestuoso !
E' mais um crime infernal
de eterna condemnação !

E, aquellas almas irmãs
que a natureza ligára,
— da grande lei da attracção,
com um laço indestructivel,
immersas em desespero
gemem sob a sorte amara
que lhes mostra o impossível
aonde a Igreja diz — não !

Buscam, perfida a esperança,
outras leis, outros preceitos,
outra fé e caridade,
outra crença, outra razão :

E, perante o « eterno » Deus
foram seus votos aceitos ;
e em *perfeita igualdade*,
se consumou a união.

Mas...esta Igreja implacavel,
que, sem fé e sem moral
liga á um velho uma creança
por um juramento risivel,
contra as leis da natureza,
póde, corrupta e venal,
calcar a fé, a esperança
ao brado de um — impossível ?

Não ! Apostolos hypocritas
de um evangelho de luz !

Não ! Avaros mercadores
dos templos de amor, de paz !

Vós, já não sois os discipulos
do meigo e doce Jesus !
Vós sois uns vis impostores.
Atraz, tartufos, atraz !

Nêmo.